

## ***Hermanos y Cercanos, Pero No Mucho: Breve Análise Sobre a Construção Textual Nos Jornais Lance! e Olé Durante a Copa do Mundo 2014***<sup>1</sup>

Matheus Simões MELLO<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### **Resumo**

Este artigo tem o objetivo de explicitar alguns dos resultados obtidos em minha pesquisa de Mestrado. Dá-se destaque a duas das dez categorias de análise utilizadas na referida investigação: objetividade e crônica de jogo. São analisadas matérias sobre a Copa do Mundo 2014 publicadas nos diários *Lance!* e *Olé*, maiores jornais esportivos no Brasil e na Argentina, respectivamente. Respalda-se com as definições de Rojas Torrijos sobre os gêneros jornalísticos esportivos. Além disso, é proposta uma breve reflexão acerca da objetividade e sua inserção na cobertura esportiva.

**Palavras-chave:** jornalismo esportivo; objetividade; *Lance!*; *Olé*; Copa do Mundo 2014.

Este artigo tem o objetivo de explicitar alguns dos resultados obtidos em minha dissertação de Mestrado, intitulada “*Hermanos y cercanos, pero no mucho: estudo comparativo entre o jornalismo esportivo brasileiro e argentino*”. Dá-se destaque a duas das dez categorias de análise utilizadas: objetividade, na qual verifica-se a adoção de normas como, por exemplo, o lide e a pirâmide invertida; crônica de jogo, referente àqueles textos jornalísticos condizentes a uma partida específica. Para tanto, são analisadas as matérias publicadas nos diários *Lance!* (Brasil) e *Olé* (Argentina) durante o segundo Mundial disputado em terras brasileiras. Respalda-se nas definições de Rojas Torrijos (2010) acerca dos gêneros jornalísticos esportivos. Além disso, é exposta uma breve discussão sobre a objetividade e sua inserção na cobertura esportiva.

### **Gêneros noticiosos na cobertura esportiva**

Em sua tese doutoral, Rojas Torrijos (2010) propõe um modelo de Manual de Redação específico para as publicações jornalísticas esportivas em língua espanhola, a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, email: [senso\\_de\\_humor@hotmail.com](mailto:senso_de_humor@hotmail.com).

partir da análise de veículos especializados e de âmbito geral. O autor estabelece cinco gêneros noticiosos principais: notícia, crônica, reportagem, entrevista e opinião. Para este artigo, debruçaremos-nos nos dois primeiros.

No caso do gênero notícia, Rojas Torrijos (p.410) o classifica como “[...] informativo por excelência e, portanto, a forma que será adotada na maior parte das peças escritas e oferecidas ao grande público”<sup>3</sup>, não havendo espaço para opiniões ou interpretações. Em um diário esportivo, o autor estipula que o número de notícias por página deve variar entre um e quatro, preferencialmente estruturadas de acordo com o método da pirâmide invertida. Entretanto, o autor faz uma ressalva em nota de rodapé: de acordo com suas investigações, o diário catalão *La Vanguardia* recomenda aos seus profissionais que separem as informações do lide no decorrer do texto, o que pode indicar uma adaptação do gênero, levando a cabo as especificidades de cada publicação.

Quanto à crônica, Rojas Torrijos (op.cit., p.411) a entende como um espaço para a “narração descritiva e interpretativa de um acontecimento esportivo de máxima atualidade<sup>4</sup>. Nela, serão utilizados elementos informativos, análises e comentários, priorizando os primeiros. Adiante, Rojas Torrijos defende que o cronista discuta fatos já previamente informados ao leitor, por meio do próprio diário ou por outros veículos. Com isso, deve-se aprofundar o fato, não se apoiando somente no essencial. Os títulos devem ser criativos e atrativos, sendo possível recorrer a jogos de palavras para captar a atenção do leitor.

Assim, a definição de crônica trazida pelo autor espanhol se aproxima ao que se pratica no jornalismo esportivo brasileiro. Outro indício que dá respaldo a tal afirmação diz respeito às adaptações necessárias quando a crônica retratar uma partida específica:

Toda crónica que verse sobre un deporte de equipo deberá ir acompañada de una ficha técnica que contenga los datos esenciales del partido (resultado, parciales, jugadores de cada equipo, árbitro, lugar de celebración, recinto deportivo, espectadores, amonestaciones o incidencias). (ROJAS TORRIJOS, 2010, p.412).

A partir disso, deduzimos que há uma variação no conceito utilizado por Rojas Torrijos, sendo esta uma crônica referente ao jogo, o que se entende no Brasil como ‘crônica de jogo’.

---

<sup>3</sup> Tradução minha.

<sup>4</sup> Tradução minha.

Como complemento à “crônica”, o autor estipula um subgênero denominado “contracrônica”. Um texto “que aporta cor, ambiente e um ponto de vista diferente do acontecido por parte de outro testemunho direto” (op.cit, p.412)<sup>5</sup>. Na “contracrônica”, deve-se buscar, conforme o autor, os aspectos periféricos ao fato principal, o que nomeamos aqui como ‘secundários’, este podendo ser curiosidades, declarações ou até mesmo anedotas. Verificamos que tal subgênero é visto por Rojas Torrijos como um reduto de maior liberdade por parte do jornalista, apesar de a crônica por si só já dotar essa característica.

Antes de prosseguirmos com as definições de Rojas Torrijos, devemos tecer uma breve reflexão acerca do conceito de “contracrônica”. Tal gênero pode destacar um olhar mais específico, centrado, seja ele para relatar o desempenho de uma equipe, as ações de um treinador ou, sobretudo, as grandes individualidades. Inserimos aqui, por conseguinte, uma ramificação: a contracrônica individualizante. Ela se diferencia pelo fato de sua construção ser quase que exclusivamente concentrada em um determinado personagem, preferencialmente um atleta de destaque, como se somente ele fosse um fato esportivo à parte. Seus atos com a bola (dribles, passes, chutes, cobranças de tiros livres...) e sem a bola (como corre, quando corre, como se entrega ao jogo, como reage às situações mais adversas, sua feição corporal e facial...) são relatados. Ou, no caso de a figura central ser o árbitro, o treinador, ou qualquer outro que tenha chamado a atenção do repórter, terá suas características mais particulares destacadas e analisadas.

Ainda condizente à crônica, Rojas Torrijos estabelece outro subgênero: a “prévia”, texto característico que precederá a crônica, especialmente as de jogo. Na “prévia”, serão reunidos os principais acontecimentos da semana, ou aqueles que são essenciais para que o leitor compreenda o cenário atual e quais as implicações do jogo, ou do torneio.

### **A objetividade e seus imbrólios**

A questão da necessidade de se publicar o conteúdo jornalístico, não só esportivo, em um espaço de tempo extremamente limitado, suscita outro fator que delinea a função da mídia impressa na cobertura esportiva: a objetividade. Antes de contextualizá-la no âmbito esportivo, precisamos refletir brevemente sobre o referido conceito, pois esse é um dos grandes pontos de embates no âmbito jornalístico esportivo. Kovach e Resentiel (2004), refletem acerca do “conceito perdido da objetividade”. Os autores defendem que o

---

<sup>5</sup> Tradução minha.

significado original do termo referir-se-ia aos métodos que o profissional se mune para apurar o fato, e não ao próprio jornalista. Portanto, “a chave estava na disciplina do ofício, não em sua finalidade” (p.116). Porém, o conceito sofreu distorções com o passar dos anos, tornando-o mais confuso e menos refinado (p.117), o que acabou por gerar algumas implicações no entendimento da objetividade:

Esse ponto tem algumas implicações importantes. Uma delas é que a voz imparcial utilizada por muitas empresas jornalísticas, aquele familiar, supostamente neutro estilo de redação das notícias não é um princípio fundamental do jornalismo. Ao contrário, é quase sempre um recurso oportunista que as empresas usam para destacar o fato de que produzem alguma coisa obtida por métodos objetivos. A segunda implicação é que essa voz neutra, sem uma disciplina da verificação, cria um verniz que esconde alguma coisa turva. Os jornalistas que selecionam as fontes para expressar o que na verdade é seu próprio ponto de vista, e depois usam a voz neutra para que tudo pareça bem objetivo, estão trapaceando (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.117).

Adiante, os autores alertam que, com o cenário jornalístico atual, no qual os profissionais “sintetizam” o enorme volume informacional que chega às redações, “recebendo mais do que procurando saber”, deve-se compreender corretamente o conceito de objetividade, para que a informação transmitida seja mais sólida (p.120).

Apesar de Kovach e Rosenstiel se voltarem para aqueles textos com teor mais investigativo, acreditamos que a reflexão proposta pelos autores é de extrema utilidade para a cobertura esportiva. Em vez de o repórter esportivo priorizar a objetividade e a isenção no planejamento das pautas e na apuração das mesmas e, a partir daí, buscar o diferente, o original, utiliza-se a “voz neutra” como um atestado de compromisso com a verdade, o que nem sempre acontece, justamente pela turvação do conceito original de objetividade. O que se nota, também, é a valorização do relato objetivo como virtude, atestado de bom jornalismo. Konder (in RIO DE JANEIRO, 2004, p.24) elenca a objetividade como critério imprescindível para a cobertura esportiva. Barbeiro e Rangel (2006, p.46) acreditam que “o público quer que o jornalista informe pura e simplesmente”. Tais pensamentos retratam o panorama atual e influenciam no produto jornalístico esportivo que chega ao receptor:

Em ambos os tipos de texto, a matéria informativa e o texto de opinião, o futebol é normalmente tratado de forma objetiva, puramente factual. De modo geral, o jornalismo esportivo vê o futebol unicamente como um esporte, e mesmo o evidente caráter de espetáculo é explorado apenas em

seus aspectos objetivos: a estrutura administrativa e econômica, a vida e a carreira dos jogadores, técnicos e dirigentes, o comportamento das torcidas, etc. (SILVA, 1997, p.29).

Primar por um relato estritamente objetivo, direto, enxuto, pode resultar no esquecimento da subjetividade das modalidades esportivas, sobretudo aquelas que são coletivas. E por mais objetivo que seja o acontecimento, ele sempre é composto por uma essência subjetiva e complexa (GENRO FILHO, 2012, p.49). Além disso, tais conceitos vão de encontro a uma das especificidades do jornalismo esportivo: a notória presença do emissor na informação. Na editoria de esportes, “o emissor se faz muito mais visível que em outros âmbitos jornalísticos mediante o uso de um léxico próprio, que está carregado de conotação e que apela constantemente aos sentimentos dos leitores” (ROJAS TORRIJOS, 2010, p.329)<sup>6</sup>, o que Kishinhevsky classifica como “a subjetividade do repórter permeando indisfarçavelmente as notícias, até as relacionadas ao dia-a-dia da preparação das equipes” (2004, pp.37,38).

No entanto, não pretendemos aqui demonizar a objetividade ou os relatos mais objetivos. O que defendemos é a melhor definição dos mesmos e, conseqüentemente, a adoção de tais estruturas nos espaços mais adequados. Se pensarmos nas categorias explicitadas por Rojas Torrijos, por exemplo, verificaremos que o gênero “notícia” se encaixa melhor em tal contexto. A mescla entre o objetivo e o subjetivo é extremamente benéfica e apropriada para a transmissão do conteúdo. “Quanto mais se ativerem aos acontecimentos periféricos e liminares da pauta, maiores possibilidades de se conseguir resultados inusitados e, portanto, acredita-se, mais original a cobertura, sobretudo no contexto do cotidiano dos treinos” (TOLEDO, 2000, p.206).

### **As matérias do *Lance!***

Como se espera de um diário especializado em esportes, *Lance!* busca expor visões diferentes e mais aprofundadas do que se encontra em jornais de âmbito geral. No decorrer da análise, verificamos que tal tentativa é bem sucedida por algumas vezes. Em outras, o diário acaba por recorrer às mesmas técnicas e normas adotadas nas demais editorias.

No que diz respeito à objetividade e adoção de recursos como o lide e a pirâmide invertida, notamos que o diário opta, na maioria das vezes, por ser direto e insere as

---

<sup>6</sup> Tradução minha.

informações mais importantes no primeiro parágrafo do texto, sobretudo naqueles que se encaixam no gênero “notícia” e, também, nas crônicas de jogo. Tal postura não impede, entretanto, que se encontrem elementos pertencentes ao subjetivo e ao passional, como adjetivos, exclamações, interrogações ou até mesmo expressões inerentes ao linguajar torcedor, principalmente nos materiais produzidos por editores e colunistas. Portanto, observamos claramente que os grandes jogos da Copa do Mundo foram relatados por meio de textos mais bem elaborados, tanto na crônica de jogo (denominada pelo diário como “visão do jogo”) quanto nas contracrônicas e notas complementares.

Na crônica de jogo “Costa Riquíssima (Lance!, 30.06.2014, p.25), Vinícius Perazzini opta pelo modelo lide/pirâmide invertida para informar a classificação histórica da Costa Rica às quartas-de-final da Copa, feito inédito. “A Costa Rica está nas quartas de final da Copa e de maneira histórica. Com grande atuação do goleiro Navas – que pegou pênalti decisivo e um jogador a menos, os Ticos<sup>7</sup> superaram a Grécia na cobrança de pênaltis após empate por 1 a 1. O próximo desafio será contra a Holanda”. No decorrer do texto, o redator sequer cita a emoção dos torcedores, dos jogadores e comissão técnica, perspectiva extremamente importante pelo ineditismo da classificação e facilmente perceptível na matéria feita pelo diário esportivo costarriquenho *Al Día*, publicada na mesma página da matéria anterior: “A Costa Rica escreveu o melhor capítulo da história do seu futebol. Os jogadores fizeram a partida mais importante de suas vidas. E eles alcançaram as quartas de final da Copa do Mundo. *Sim. Nos belisquem*. Estamos entre os oito países que melhor jogam futebol”<sup>8</sup>. Embora *Al Día* não tenha exposto recursos literários e subjetivos no seu texto, as expressões “sim” e “nos belisquem” dimensionam a euforia dos costarriquenhos ocasionada pela vitória dos Ticos.

Já na crônica “Fortaleza mexicana” (Lance!, 18.06.2014, p.8), referente ao empate sem gols entre Brasil e México, notamos que, apesar da tentativa de se fazer um texto específico sobre o goleiro Guillermo Ochoa, mais próximo a uma contracrônica, Maurício Oliveira prima pelas características do gênero “notícia”. Não há claramente o modelo da pirâmide invertida. Em contrapartida, tem-se a descrição objetiva dos lances que fizeram de Ochoa o melhor jogador em campo eleito pela Fifa. Tal constatação fica bem evidente no antepenúltimo parágrafo: “Ochoa começou sua carreira no América, do México, em 2004. Defendeu o clube por sete anos, até 2011, quando se transferiu para o pequeno Ajaccio, da França, no qual ficou até o mês de maio. Atualmente, está sem clube”.

---

<sup>7</sup> Apelido dado à Seleção da Costa Rica.

<sup>8</sup> Grifos meus.

Nos dois casos apresentados acima, percebemos que os enfoques das partidas mencionadas – a classificação inédita da Costa Rica e a atuação de destaque do goleiro Ochoa, respectivamente – poderiam ter sido retratados de maneiras distintas, adotando outras formatações, sobretudo aquelas não tão presas ao registro factual, visto que ambos fugiam da normalidade, do comum. E, também, os fatos principais foram amplamente noticiados nas outras mídias logo após o término dos confrontos, isto é, o público alvo do *Lance!* já tinha conhecimento da classificação histórica dos Ticos e do ótimo desempenho de Ochoa.

No entanto, há exemplos nos quais os profissionais do diário brasileiro optam por textos mais adjetivados e subjetivos. Na crônica de jogo “Tudo azul na laranja” (*Lance!*, 19.06.2014, p.14), condizente à vitória holandesa sobre os australianos, Valdomiro Neto escreve de forma que nos permite compreender que, mesmo atribuindo valores para complementar o que está sendo dito, o texto não perde em clareza: “Quando Robben, *com sua velocidade de flecha*, abriu o marcador, a sensação é que veríamos uma reprise do *massacre* do duelo contra a Espanha. Um *singelo* minuto depois, no entanto, Tim Cahill acertou um *improvável* chute de primeira e deixou tudo igual novamente”<sup>9</sup>. As adjetivações grifadas na citação acima, como se pode notar, não interferem na informação que é passada. Com relação à palavra ‘improvável’, inclusive, esta é fundamental para que se tenha dimensão da plasticidade do gol de Cahill, que chegou a ser indicado ao Prêmio Puskás 2014<sup>10</sup>.

Partindo do que foi exposto até aqui, podemos afirmar que as matérias do *Lance!*, embora tragam algumas das especificidades da cobertura esportiva, atentam-se para a descrição dos aspectos principais do evento ocorrido. Com tal escolha, as crônicas de jogo da publicação brasileira prezam por descrever o decorrer da partida; os gols, os lances de maior perigo, as polêmicas, enfim, os principais momentos durante os noventa minutos. As crônicas de jogo do *Lance!*, ao contrário do que o termo ‘crônica’ sugere, pendem muito mais para um relato objetivo e direto do que propriamente uma crônica. Os materiais que se desprendem de tal formato são, geralmente, aquelas escritas por colunistas – como, por exemplo, Mauro Betting e Roberto Assaf – ou que centralizam as atenções do leitor para um aspecto principal, seja ele tático, técnico, histórico ou até mesmo curiosidades. Deve-se ponderar também que as matérias referentes a jogos específicos do *Lance!* são mais leves e

<sup>9</sup> Grifos meus.

<sup>10</sup> Prêmio que elege o gol mais bonito da temporada. O vencedor é escolhido por meio de votação no site oficial da Fifa, que indica dez candidatos para serem votados.



desprendidas das normas jornalísticas, se comparadas àquelas de jornais de âmbito geral, sobretudo pelo fato de as publicações do diário brasileiro trazerem alguns traços das especificidades da cobertura esportiva no primeiro e no último parágrafo.

Prova do que foi colocado acima é o lide da crônica de jogo de Holanda *versus* Espanha:

A laranja – de azul – voltou a ser Mecânica. E a Fúria ficou só no Tiki. Nervoso. Sem o taka. Pois é. Em dia de muito brilho de Robben, que estrçalhou, e desastroso para o adversário, principalmente para Casillas, a Holanda enfiou 5 a 1 na Espanha, em Salvador, vingando a derrota de 1 a 0 na decisão da Copa de 2010, na África do Sul (Um dia sem fúria – Lance!, 14.06.2014, p.14).

Observa-se que, na primeira parte do texto, Roberto Assaf brinca com as cores do selecionado holandês e com o *Tiki Taka*<sup>11</sup> espanhol. Os trocadilhos são montados através de frases curtas, o que dá um ritmo particular ao texto. Já na segunda parte, Assaf expõe as principais informações do fato esportivo, dados que estariam em um primeiro parágrafo de um texto proveniente de um veículo não especializado.

Levando em conta que tanto as matérias condizentes a uma partida específica quanto as “visões” sobre determinado time ou jogador possuem formato semelhante, com linguagem direta, objetiva e com poucas características referentes às crônicas de jogo ou às contracrônicas, podemos constatar que *Lance!* acaba por propiciar informações repetidas nos textos que retratam determinado fato esportivo, resultando em um conteúdo repetitivo e, se considerarmos o conjunto da(s) página(s), incoerente.

No material publicado acerca do empate entre os selecionados brasileiro e mexicano, por exemplo, no qual Guillermo Ochoa foi o craque do confronto, são atribuídos dois adjetivos para qualificar as defesas de Ochoa: a) grandes, na linha fina da “visão do jogo” de Mauro Betting e no decorrer do referido texto; b) espetaculares, na tabela de notas para cada atleta, na linha fina da “visão do anti-herói” e em meio a esta.

Se olharmos mais amplamente, veremos que as informações principais sobre o evento esportivo, inseridas no primeiro parágrafo do texto principal, já aparecem na página, seja por meio de ficha técnica ou *boxes* com informações como, por exemplo, local da partida, público presente e condições do gramado. Em outros casos, há lista com a descrição das principais jogadas, informações já presentes na “visão do jogo” e, dependendo do caso, repetidas também nas “visões” sobre um selecionado ou jogador.

---

<sup>11</sup> Estilo de jogo baseado na troca rápida de passes e movimentação dos atletas em campo. Na seleção espanhola, foi utilizado pelos técnicos Luis Aragonés e Vicente del Bosque.



## As matérias do *Olé*

De modo geral, as matérias do periódico argentino carregam títulos chamativos, em sua maioria, com algum trocadilho, e quase sempre pontuado, principalmente com exclamações. As linhas finas são escritas de maneira bastante similar ao *Lance!*, como podemos perceber na crônica intitulada “Sabello que hace” (*Olé*, 04.07.2014, p.7): “El técnico piensa y piensa en el equipo que le pondrá mañana a Bélgica. Basanta va por Rojo. ¿Y el resto?”. A exemplo do que acontece em grande parte dos materiais do diário brasileiro, tem-se uma primeira parte informativa e, em seguida, uma frase complementar que, nesse caso, foi interrogativa.

Ainda com relação aos títulos, os profissionais do jornal portenho adotam prática interessante: em algum momento do texto, explicam o porquê daquela titulação, já que, como expressado, uma parcela considerável das chamadas possuem jogos de palavras. Implícita ou explicitamente, a explicação é inserida, geralmente, no final do texto, como na crônica de jogo intitulada “Scola do Sampa” (*Olé*, 14.06.2014, p.18), referente à estreia chilena no Mundial, contra a Austrália:

El Arena Pantanal repleto de hinchas chilenos celebró una victoria clave. El miércoles enfrente estará la ya necesitada España en el Maracaná, en una final, y los trasandinos tienen tres puntos en el bolsillo. En las manos del entrenador rosarino, Chile sueña con pasar de ronda. Jorge Sampaoli le pone el sello a un equipo, que con mucho por corregir ya va dando que hablar en Brasil y quiere bailar... Scola do Sampa.

No que tange ao texto em si, verificamos que *Olé* não vê na objetividade um dos seus principais pilares, tampouco normas como lide e pirâmide invertida. Tal constatação fica bem evidente ao analisar os primeiros parágrafos das publicações, seja em materiais informativos, crônicas ou contracrônicas. Tomemos como exemplo a publicação que noticiou a suspensão do uruguaio Luis Suarez. Intitulada “Le cortaron los dientes” (*Olé*, 27.06.2014, p.14), o texto só informa que o jogador foi punido após descrição do cenário onde Martin Macchiavello estava:

[...] Cae la noche en Barra de Tijuca. Barrio bien. Muy bien. Un Nordelta con mar. La señora pasea el perro frente a la tienda de sushi esquivando runners e intrusos, periodistas. #Suárez, es el hombre. Los ingleses

buscamorbo lo pronuncian a su antojo, los españoles dudan de su pase al Barsa y de qué será de sus contratos publicitarios, los colombianos sonrían porque este sábado no lo padecerán. A las 20.33 llega la Celeste al Raddisson. La avenida Lucio Costa, motoqueros mediante, se corta para darle ingreso al micro con 22 jugadores. Silenzio Stampa. La procesión iba por dentro. Faltaba Luis, a quien el presidente Mujica esperaba en Carrasco para estrecharse en un abrazo. Cuestión de Estado. El bus mentía. "Tres millones de ilusiones", se leía de costado. Una ya no estaba: FIFA le había cortado los dientes.

Como se pode perceber, a pena exata atribuída ao uruguaio – por morder o zagueiro Chiellini em partida contra a Itália – não está exposta no primeiro parágrafo. Ao invés, insere-se tal informação na linha fina e no segundo parágrafo do texto. Outro ponto interessante é que Macchiavello informa a então possível ida de Suarez (à época, do Liverpool) para o Barcelona e sua ausência contra os colombianos de maneira implícita, por meio da nacionalidade dos jornalistas presentes no local.

Quanto às crônicas de jogo publicadas por *Olé* e sua estrutura, estas são mais inclinadas ao gênero “crônica”. Isso porque as informações principais do fato – que estariam no primeiro parágrafo se fossem adotados a pirâmide invertida e o lide – estão distribuídas pela página. Em “Dioses” (*Olé*, 30.06.2014, p.24), referente à classificação história da Costa Rica às quartas-de-final, após vencer a Grécia nos pênaltis, como veremos abaixo, Demian Meltzer escreve um primeiro parágrafo totalmente literário, fazendo alusão à mitologia grega:

Correte un cachito, Zeus. Hey, Poseidón, parate unos metros más allá. Apolo, ¿le podés decir a Dionisio que haga lugar? Porque el Olimpo (del fútbol) tiene nuevos Dioses. Y hay que hacerlos entrar. No, no son los griegos que mandaste a jugar a Brasil. Es Costa Rica la que, en los penales, sacó a tu selección del Mundial y escribió la página deportiva más gloriosa de su historia. Lo merece Keylor Navas, Dios de los guantes, de lo más confiable que se ha visto en la Copa. Se lo ganó Michael Umaña, Caballero de la angustia, que responde en las paradas más difíciles. Se lo consiguió Bryan Ruiz, Capitán de los goles con historia, enemigo de los tanos y los helénicos. Se anota Jorge Luis Pinto, Señor de las estrategias que voltean candidatos: Uruguay, Italia, Inglaterra... Y ahora que se prepare Holanda.

Embora Meltzer não insira as principais informações do fato, que estão na ficha técnica (acima da crônica de jogo) e em *boxes* na página do lado, o jornalista argentino menciona que os costarriquenhos bateram os gregos nos pênaltis e irão enfrentar os holandeses nas quartas. Porém, sem objetividade. Já no segundo parágrafo, expõem-se as

virtudes dos Ticos, enaltecendo as características dos jogadores. Notemos que Meltzer evidencia a “identidade de luta e gana” da Costa Rica, em detrimento de qualquer constatação tática mais evidente. No entanto, assimila-se que Ruiz e Bolaños acrescentam tecnicamente quando se aproximam dentro de campo, que Campbell recua para dar opção de passe aos demais, que os dois volantes impõem marcação forte e que Navas vive grande fase.

Si los Ticos de Italia 90, eliminados en octavos de final, fueron héroes, ¿qué son éstos que ya están en cuartos? Pasaron de Cenicienta a sorpresa. Y de revelación a realidad. No juegan mejor que Chile, ya de regreso en Santiago. No tienen futbolistas de la calidad y el talento de la España, abdicada campeona del mundo. Pero el Grupo de la Muerte le dio a este equipo una identidad de lucha y garra, sobre todo, y algo de juego cuando Bolaños y Ruiz logran juntarse. Campbell es un 9 que se solidariza cuando la pelota no le llega. El doble 5, Borges-Tejeda muerde que te muerde. Y al fondo, cuando no se muestra firme como ayer, lo salva la humanidad (las manos, los pies, el pecho, todo vale para evitar un gol) de Navas.

É somente no último parágrafo que o jogo é relatado por Meltzer. No entanto, nota-se que as jogadas não são descritas. Novamente, o comportamento da Costa Rica e (dessa vez) da Grécia é priorizado. As duas situações citadas são para reforçar a percepção das equipes que está sendo passada.

Ainda tomando como exemplo o caso exposto acima, notamos que o diário portenho preza pela coerência das informações contidas no espaço destinado a um evento específico. As informações não são repetidas nos três textos (foram dedicadas mais duas contracrônicas individualizantes ao conteúdo da partida: uma sobre Kaylor Navas e outra sobre Michael Umaña). Quando são, estas são citadas de maneira diferente. Com isso, a crônica de jogo e as contracrônicas individualizantes se dedicam a um relato mais literário do acontecimento.

## **Conclusões**

Quanto à objetividade, pôde-se verificar que *Lance!* é objetivo na maioria dos seus relatos. As publicações geralmente seguem normas jornalísticas como lide e pirâmide invertida, com exceção de crônicas e contracrônicas, que trazem recursos mais inclinados aos referidos gêneros no primeiro e, sobretudo, no último parágrafo. Tais recursos podem ser frases exclamativas, interrogativas ou algum tipo de gancho criativo que sirva de introdução para expor os fatos.

No caso do *Olé*, a estrutura textual se aproxima aos conceitos de crônica e contracrônica explicitados por Rojas Torrijos, isto é, com maior liberdade e não se restringindo às informações primárias do acontecimento, pois estas já são informadas de outros modos dentro do veículo e em outras mídias, como rádio, televisão e internet. Na maioria das vezes, o primeiro parágrafo das publicações do diário argentino não condiz com o modelo do lide. Inclina-se ao literário e o resto do texto segue essa tônica. Com isso, as frases são menos diretas e as informações são espalhadas não só no decorrer das linhas, mas em toda a página.

Dessa forma, podemos afirmar que *Lance!* opta por matérias mais objetivas que *Olé*, publicações mais diretas e que destacam os fatos principais do evento esportivo e seus desdobramentos. Na maioria dos casos, os textos seguem o mesmo estilo adotado nos materiais mais informativos. Notamos, portanto, que há diferença entre os dois jornais.

No caso das crônicas de jogo produzidas para os dois diários, diferenças evidentes foram constatadas, embora alguns dos textos publicados pelo *Lance!* contrariem tal regra, principalmente aqueles escritos por colunistas como Roberto Assaf e Mauro Betting. Enquanto o jornal brasileiro prioriza o factual e parágrafos mais objetivos, *Olé* se dedica a explorar outros fatores que envolvem as partidas. Tais diferenças remetem à filosofia de cada veículo, à maneira como cada um expõe os principais acontecimentos, mesmo que a estrutura física das páginas seja semelhante, como foi possível verificar durante as pesquisas realizadas. Então, metaforicamente, podemos afirmar que *Lance!* e *Olé* possuem esquemas táticos similares. No entanto, a mentalidade e a maneira como os ‘jogadores’ se portam dentro de campo são distintas.

## REFERÊNCIAS

AL DÍA. Que brilhante história este time está escrevendo na Copa. **Lance!**, Rio de Janeiro, p.25, 30 jun. 2014.

ASSAF, R.. Um dia sem fúria. **Lance!**, Rio de Janeiro, p.14, 14 jun. 2014.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P.. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

FARINELLA, L.. Sabello que hace. **Olé**, Buenos Aires, p.7, 04 jul. 2014.

GENRO FILHO, A.. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

KISHINHEVSKY, M.. **Do lábaro que ostentas estrelado:** mídia, futebol e identidade. Tese (Doutorado). 225f. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2004.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T.; **Os elementos do jornalismo:** o que os jornalistas devem saber e o público deve exigir. 3ª ed.. Geração Editorial, 2004.

MACCHIAVELLO, M.. Le cortaron los dientes. **Olé**, Buenos Aires, p.14, 27 jun. 2014.

MELTZER, D.. Dioses. **Olé**, Buenos Aires, p.24, 30 jun. 2014.

NETO, V.. Tudo azul na laranja. **Lance!**, Rio de Janeiro, p.14, 19 jun. 2014.

OLIVEIRA, M.. Fortaleza Mexicana. **Lance!**, Rio de Janeiro, p.8, 18 jun. 2014.

PERAZZINI, V.. Costa Riquíssima. **Lance!**, Rio de Janeiro, p.25, 30 jun. 2014.

RIO DE JANEIRO (cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Jornalismo Esportivo:** os craques da emoção. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2004.116 p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11.

ROJAS TORRIJOS, J. L.. **Bases para la formulación de un libro de estilo de última generación.** Construcción de un modelo teórico válido para los medios deportivos escritos y digitales en lengua española. Tese (Doutorado). 501f. Universidad de Sevilla – Facultad de Comunicación, Sevilla, 2010.

SILVA, M. R.. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues.** Dissertação (Mestrado). 120f. – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 1997.

STURARI, B.. Scola do Sampa. **Olé**, Buenos Aires, p.18, 14 jun. 2014.

TOLEDO, L. H.. **Lógicas no Futebol:** dimensões simbólicas de um esporte nacional. Tese (Doutorado). 322f. Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2000.